

A emancipação de África: da ilusão do renascimento ao renascimento da ilusão

Patrício V. Langa
Eduardo Mondlane University

Este artigo pretende analisar dois problemas estritamente relacionados. Em primeiro lugar, é nossa intenção ilustrar o problema da NEPAD (“nova” parceria para o desenvolvimento de África). E, em segundo lugar, dar uma contribuição para uma reflexão teórica, sociológica, do desenvolvimento de África.

No que diz respeito à NEPAD, espero que este artigo sirva de complemento da reflexão iniciada pelo Sociólogo Moçambicano Elísio Macamo¹, que fez uma discussão sistemática e crítica da gênese do principal fundamento teórico por detrás da Iniciativa. A minha contribuição vai consistir na problematização da concepção do desenvolvimento em África. Ela enquadra-se, portanto, numa sociologia do desenvolvimento na perspectiva de Morin (1993).

Tomo como ponto de partida a observação de E. Macamo de que o diagnóstico dos problemas africanos feito pela NEPAD assenta numa “análise do estado africano, que é em parte, darwinista e, em parte “economicista”. Nesta ordem de ideias, proponho-me ensaiar uma crítica ao “economicismo” que domina a nova visão emancipatória do continente. Esta parece inscrita nos ideias do “segundo renascimento africano”. A obsessão pelo crescimento económico poderá levar o continente a fechar-se no económico e a tornar-se incapaz de prever as perturbações por esta provocadas.

(¹) Macamo.E. NEPAD: Uma luz no fim do túnel? Num artigo publicado no diário Moçambicano Notícias, de 20 e 2001 de Junho de 2003, nas vésperas da II cimeira da NEPAD.